

POPULAÇÃO IDOSA E MORBIMORTALIDADE POR NEOPLASIA DE ÚTERO EM ALAGOAS: UM ESTUDO RETROSPECTIVO.

Jailton Rocha Misael^{1*}, Claudio José dos Santos Júnior¹, Tayná de Almeida Araújo¹, Emanuela Bernardo da Silva¹, Amanda Ferreira Barbosa¹, Ana Karoline Novais Lima¹, Ilma Falcão Silva², Eneidyne Lays Albuquerque Santos², Gilvana Maria Vieira Xavier³

1. Estudante do Curso de Graduação em Medicina. FAMED/UNCISAL
2. Enfermeira. Especialista. Secretaria Municipal de Saúde de Pilar
3. Enfermeira. Especialista em Enfermagem do Trabalho. NAIST/UNCISAL / Orientador

Resumo:

Objetivo: Analisar o perfil de morbimortalidade por neoplasias uterinas na população idosa em Alagoas. **Métodologia:** Estudo transversal, retrospectivo, quantitativo. Os dados de internações e óbitos de idosas por neoplasias uterinas em Alagoas, de 2006 a 2015, foram coletados no Sistema de Indicadores de Saúde e Acompanhamento de Políticas do Idoso e analisados por estatística descritiva. **Resultados:** Em Alagoas, de 2006 a 2015, em decorrência de neoplasias uterinas em idosas, foram identificadas 787 internações, com média anual de 78,7 ($\pm 31,02$) internações, e um total de 585 óbitos, com média de 58,5 ($\pm 11,41$) óbitos/ano. Os óbitos representam 0,6% da mortalidade geral em idosos e de 2,49% ($\pm 0,33\%$) dos óbitos anuais decorrência de todas as neoplasias em idosas, com taxa de mortalidade anual média corresponde a 3,97/10 mil idosas. **Conclusão:** O estado de Alagoas, anualmente, apresentou elevados números de internações hospitalares e óbitos em decorrência de neoplasias de útero em idosas.

Palavras-chave: Saúde do idoso; Saúde coletiva; Indicadores de morbimortalidade.

Introdução:

Nas últimas décadas, a população brasileira passa por um processo de reestruturação demográfica, resultante do aumento da expectativa de vida (LEBRÃO, 2007). Como consequência desta transição epidemiológica, o Ministério da Saúde criou em 2006 a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa para recuperar, manter e proteger a saúde dos indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos, promovendo à saúde e prevenindo agravos (VIEIRA & VIEIRA, 2016).

Nesse cenário, destacam-se as neoplasias de útero como principais responsáveis pelo atual perfil de morbimortalidade nacional e, no público feminino, são agrupadas como o terceiro tumor mais frequente (INCA, 2017), com os subtipos que acometem o endométrio e o colo uterino. No último, prevalentemente há infecção pelos oncogênicos do Papilomavírus Humano, acompanhada de mudanças teciduais progressivas (DIZ & MEDEIROS, 2009).

Para minimizar a incidência de casos, considerando o uso de medidas preventivas para melhorar a qualidade de vida, ações de caráter diagnóstico, como o exame citológico periódico, são de grande eficácia, e quando inserido na Atenção Primária de Saúde detém grande relevância, sobretudo na Estratégia de Saúde da Família, considerada a porta de entrada no Sistema Único de Saúde e o principal acesso a saúde pública no país (DISCASSIATI; BARBOZA; ZEFERINO, 2014).

Diversos são os fatores que podem agravar e contribuir para uma maior susceptibilidade da mulher idosa perante às neoplasias uterinas, tais como: despreparo profissional, dificuldade de implementação institucionalizada de uma linha de acompanhamento integral, além da participação ativa de caráter limitado na promoção da saúde dos idosos, atrelada majoritariamente à desinformação (OLHÊ et al., 2012).

A faixa etária de maior incidência das neoplasias uterinas no Brasil está alocada entre 50 e 60 anos de vida, apresentando maior proporção de mortes com o avançar da idade. Embora frequente na comunidade senil feminina, a sobrevivência ainda é incerta, tendo em vista que as limitações advindas do processo de envelhecimento podem interferir diretamente no prognóstico (VILAÇA et al., 2012).

Destarte, o presente estudo tem por objetivo analisar o perfil de morbimortalidade por neoplasias uterinas na população idosa do estado de Alagoas. Tal pesquisa é considerada de relevância já que permite analisar o cenário das políticas de promoção voltadas para o câncer de útero nos serviços de saúde municipais e estaduais que estão inseridos no território alagoano.

Metodologia:

Tata-se de uma pesquisa transversal, de caráter descritivo e retrospectivo, com abordagem

quantitativa. Os dados foram coletados a partir de consultas realizadas na base de dados do Sistema de Indicadores de Saúde e Acompanhamento de Políticas do Idoso (SISAP-IDOSO). Os resultados do projeto tiveram como finalidade a análise comparativa dos indicadores de saúde referentes à saúde dos idosos, dando enfoque ao quadro de morbimortalidade por neoplasia de útero no estado de Alagoas. Foram considerados os registros de óbitos e internações hospitalares financiadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) por neoplasia de útero, na população idosa de 60 anos ou mais, residente em Alagoas.

Os dados foram agrupados em banco de dados eletrônicos através de planilhas eletrônicas e analisados por meio de estatística descritiva de frequências absoluta e relativa. A discussão dos dados foi realizada à luz da literatura especializada. Ademais, por se tratar de pesquisa envolvendo apenas dados secundários, extraídos de sistema de informação de domínio público, não houve a necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, em consonância com a Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde - CNS/CONEP.

Resultados e Discussão:

De 2006 a 2015, segundo o Ministério da Saúde (2016), por meio do SISAP-IDOSO, foram realizadas 84.132 internações de idosas por neoplasias de útero no Brasil, com média anual de 8.413 internações. Desse valor, a região nordeste foi responsável por aproximadamente 20,83%, com um total de 17.522 internações e média de 1.752 afecções neoplásicas uterinas.

No estado de Alagoas, de acordo com a tabela 1, precisamente 787 idosas foram internadas por neoplasias uterinas no período compreendido entre os anos de 2006 a 2015, cuja média de internações registradas no período foi de 78,7 ($\pm 31,02$). Assim, os elevados números observados são indicativos de falhas conjunturais nos níveis primários de prevenção, bem como, dificuldade no acesso precoce aos serviços diagnósticos, pois a evolução dos casos de cânceres uterinos, na maioria das vezes, cursa com evolução clínica crônica (SILVA et al., 2017).

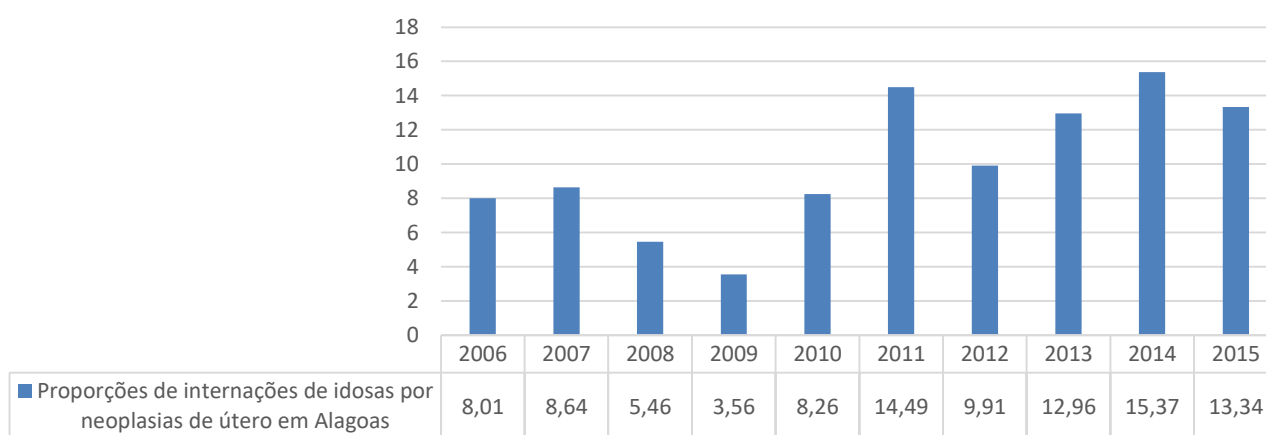
Tabela 1. Quantitativo de internações por neoplasias de útero em idosas no estado de Alagoas de 2006 a 2015.

	Ano da internação									
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Número de internações de idosas por neoplasias de útero em Alagoas	63	68	43	28	65	114	78	102	121	105

Fonte: elaborada pelos autores através de dados do SISAP-IDOSO.

Nesse contexto, pode-se representar a contribuição percentual por cada ano de estudo, em função do total de internações no período em análise, através da figura 1. Assim, destaca-se que o período com maior número de internações corresponde ao ano 2011, com 121 (14,49%) registros. Ademais, as representações gráficas expressam que existem eminentes oscilações quantitativas de internações por neoplasias uterinas anuais, diferentemente dos padrões de prevalência na região nordeste e no território nacional – que apresentam prevalências de padrões contínuos (BRASIL, 2016), mas com tendência progressiva no período analisado.

Figura 1. Proporção de internações por neoplasias de útero em idosas no estado de Alagoas de 2006 a 2015.



Fonte: elaborada pelos autores através de dados do SISAP-IDOSO.

Na tabela 2, realizou-se a distribuição analítica dos casos de óbitos por neoplasias em geral e de útero em idosas no estado de Alagoas. Assim, é possível aferir que houve um total de 23.513 óbitos de mulheres

com idade igual ou maior que 60 anos por neoplasias no estado de Alagoas durante os dez anos analisados, com média anual de 2.351,3 (\pm 263,8) óbitos (BRASIL, 2016). Dessa forma, percebe-se que a mortalidade por neoplasia de útero também está relacionada com as particularidades sócio-econômicas da região analisada. E, conforme Campos et al. (2017), em localidades com grande desigualdade social, como no estado de Alagoas, as mulheres de baixa renda e baixa escolaridade são as que menos têm acesso à educação em saúde e às ações e serviços de saúde.

Tabela 2. Quantitativo de óbitos por neoplasias gerais e úterinas em idosas no estado de Alagoas de 2006 a 2015.

	Ano da internação									
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Número de óbitos de idosos do sexo feminino por alguma neoplasia em Alagoas	2.084	2.003	2.145	2.221	2.263	2.347	2.422	2.598	2.581	2.849
Número de óbitos de idosas por neoplasias de útero em Alagoas	51	47	59	47	51	70	56	52	77	75
Percentual (%)	2,48	2,35	2,75	2,17	2,25	2,98	2,31	2,00	2,98	2,63

Fonte: elaborada pelos autores através de dados do SISAP-IDOSO.

Quanto ao levantamento quantitativo de óbitos por neoplasias de útero, no estado de Alagoas houve um total de 585 registros em idosas, com média de 58,5 (\pm 11,41) óbitos por ano. Vale ressaltar que há uma tendência progressiva ao longo dos últimos anos, cuja maior incidência de óbitos foi registrada no ano de 2014, com um total de 77 casos. Tais achados são compatíveis com os achados de Barbosa et al. (2016), afirmando que até o ano de 2030, para o qual as regiões menos desenvolvidas, como o nordeste brasileiro, não haverá redução nas suas taxas de mortalidade em decorrência de cancer de colo uterino, mas sim, haverá um incremento numérico.

Tabela 3. Taxa de mortalidade por neoplasias de útero em idosas em Alagoas de 2006 a 2015, para cada 10 mil idosas.

	Ano									
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Número de óbitos	127.540	131.336	135.374	139.705	144.359	149.359	154.747	160.461	166.408	172.566
Número de idosas	51	47	59	47	51	70	56	52	77	75
Taxa de mortalidade	4,00	3,58	4,36	3,36	3,53	4,69	3,62	3,24	4,63	4,35

Fonte: elaborada pelos autores através de dados do SISAP-IDOSO.

Com relação à mortalidade em idosos, entre os anos de 2006 a 2015, foram registrados 95.947 casos de óbitos no estado de Alagoas, conferindo às neoplasias de útero uma proporcionalidade de 0,6% quanto à etiologia de mortalidade. No que se refere à proporcionalidade, percebe-se que os óbitos de mulheres com idade igual ou superior a 60 anos em decorrência de neoplasias uterinas representa uma proporção anual média de 2,49% (\pm 0,33%) dos óbitos causados por neoplasias em geral neste mesmo público alvo.

Portanto, a taxa de mortalidade anual média em Alagoas, entre os anos de 2006 e 2015, corresponde a 3,97 por 10 mil mulheres com idade de 60 anos ou mais, com um valor médio acima do que foi registrado em todo o território nacional no mesmo período analisado, que corresponde a 3,80/10 mil (BRASIL, 2016).

Conclusões:

O estado de Alagoas, entre os anos de 2006 e 2015, apresentou anualmente um elevado número de internações hospitalares e óbitos em decorrência de neoplasias de útero em idosas, com variabilidade quantitativa desses indicadores ao longo de cada ano analisado, embora com possível tendência à elevação desses índices nos anos subsequentes, corroborando com elevados gastos nos serviços de saúde, sobretudo os que compõem essencialmente o segmento público.

É notória a conjuntura da atuação de fatores para o desencadeamento das neoplasias de útero, mas vale destacar que apesar dos grandes avanços na estruturação assistencial à saúde no estado de Alagoas ainda há uma política de prevenção e diagnóstico não tão efetiva, o que pode colaborar com os níveis elevados

de internação e óbitos em idosas por neoplasias uterinas.

Assim, os dados analisados demandam estratégias exitosas na perspectiva de ampliação dos serviços de saúde em Alagoas, tendo como objetivo central o alcance do maior número de usuárias suscetíveis em diversos espaços e nos diferentes níveis de prevenção, para que se possa garantir a promoção da saúde das coletividades.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Isabelle Ribeiro et al. Desigualdades regionais na mortalidade por câncer de colo de útero no Brasil: tendências e projeções até o ano 2030. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 253-262, jan. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000100253&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 de dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sistema de Indicadores de Saúde e Acompanhamentos de Políticas do Idoso (SISAP-IDOSO)**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2016. Disponível em: <<http://sisapidoso.icict.fiocruz.br/>>. Acesso em 19 de out. 2017.

CAMPOS, Edemilson Antunes de; CASTRO, Lidiane Mello de; CAVALIERI, Francine Even de Sousa. “Uma doença da mulher”: experiência e significado do câncer cervical para mulheres que realizaram o Papanicolau. **Interface**, Botucatu, v. 61, n. 21, p.385-396, jan. 2017.

DISCASSIATI, Michelle Garcia; BARBOZA, Bárbara Maria Santos; ZEFERINO, Luiz Carlos. Por que a prevalência de resultados citopatológicos do rastreamento do câncer do colo do útero pode variar significativamente entre duas regiões do Brasil? **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.** Rio de Janeiro, 2014. p. 192-197.

DIZ, Maria Del Pilar Estevez; MEDEIROS, Bovolín de. Câncer de colo uterino – fatores de risco, prevenção, diagnóstico e tratamento. **Rev. Med.** São Paulo, 2009. p. 7-15.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (INCA). **Colo do útero**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/colo_uterio/definicao>. Acesso em 29 de nov. 2017.

LEBRÃO, Maria Lúcia. O envelhecimento no Brasil: aspectos da transição demográfica e epidemiológica. **Rev. Saúde Coletiva**. São Paulo, 2007, p. 135-140.

OLHÊ, Luisa et al. Papanicolau na terceira idade: um desafio para a enfermagem. **Rev. Fabibe On-line**. Bebedouro, 2013, p. 78-86.

SILVA, Lucielene Diniz da et al. Percepção das mulheres sobre o exame preventivo do câncer do colo do útero. **Revista Saúde**, Guarulhos, v. 10, n. 1, p.120-120, jan. 2016.

VIEIRA, Roseli Schminski Vieira; VIEIRA, Reginaldo de Souza. Saúde do idoso e execução da Política Nacional da Pessoa Idosa nas ações realizadas na atenção básica à saúde. **R. Dir. sanit.** São Paulo, 2016. p. 14-37.

VILAÇA, Marna do Nascimento et al. Diferenças nos Padrões de Tratamento e nas Características Epidemiológicas entre Pacientes Idosas e Adultas Portadores de Câncer do Colo do Útero. **Revista Brasileira de Cancerologia**. Rio de Janeiro, 2012, p. 497-505.